

Selvageria e civilização: representações de indígenas no meio urbano na revista *Careta* (1908-1920)

Savagery and civilization: representations of indigenous people in urban areas in the magazine Careta (1908-1920)

Salvajismo y civilización: representaciones de indígenas en áreas urbanas en la revista Careta (1908-1920)

Beatriz Jakubowski¹

Resumo: A revista *Careta* (1908-1960), foi criada por Jorge Schmidt em um contexto marcado pelo desenvolvimento de novas tecnologias de produção e distribuição de mídias impressas, permitindo o emprego de novos elementos gráficos como caricaturas e ilustrações que marcaram a estética da revista desde sua primeira edição. Com sua temática ampla e caráter humorístico, tudo e todos eram pauta na *Careta*, junto com a valorização da chamada civilização moderna. No presente artigo analisarei as representações de indígenas no meio urbano publicadas na revista *Careta* entre 1908 e 1920, considerando as ideias de civilização do período.

Palavras-chave: Indígenas, imprensa periódica, *Careta*, civilização.

Abstract: *Careta* magazine (1908-1960) was created by Jorge Schmidt in a context marked by the development of new technologies for the production and distribution of printed media, allowing the use of new graphic elements such as caricatures and illustrations that marked the magazine's aesthetics since its first edition. With its broad theme and humorous character, everything and everyone was on the agenda in *Careta*, along with the appreciation of the so-called modern civilization. In this article, I will analyze the representations of indigenous people in the urban environment published in the magazine *Careta* between 1908 and 1920, considering the ideas of civilization of the period.

Keywords: Indigenous people, periodical press, *Careta*, civilization.

¹ Mestranda em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP. Bacharela e licenciada em história pela UNESP. Participa do grupo de estudos acadêmicos MIDIACULT. Publicou o artigo Representações de antropofagia indígena em Theodor de Bry e Albert Eckhout no século XVI e XVII e atualmente pesquisa as representações de indígenas na revista *Careta*. Foi bolsista no Programa Residência Pedagógica da UNESP em 2019 e professora do estado de São Paulo entre 2020 e 2021. E-mail: beatriz.jakubowski@unesp.br

Resumen: La revista *Careta* (1908-1960) fue creada por Jorge Schmidt en un contexto marcado por el desarrollo de nuevas tecnologías para la producción y distribución de medios impresos, permitiendo el uso de nuevos elementos gráficos como caricaturas e ilustraciones que marcaron la estética de la revista desde su primera edición. Con su amplia temática y carácter humorístico, todo y todos estaban a la orden del día en *Careta*, junto con la puesta en valor de la llamada civilización moderna. En este artículo analizaré las representaciones de los indígenas en el medio urbano publicadas en la revista *Careta* entre 1908 y 1920, considerando las ideas de civilización de la época.

Palabras clave: Indígenas, prensa periódica, *Careta*, civilización.

No início do século XX o Brasil vivenciou uma sucessão de avanços tecnológicos em uma velocidade acelerada, principalmente na capital carioca. Tais mudanças eram perceptíveis em diversos aspectos da sociedade, desde as vestimentas, higiene pessoal, organização da casa, até mesmo nos momentos de lazer, e eram muito inspiradas por ideais de progresso e civilização da cultura europeia, em especial a francesa. Na imprensa, novas tecnologias permitiam a publicação de volumes maiores e em quantidades e qualidades superiores, marcadas pelo uso de fotografias, ilustrações e até mesmo páginas a cores. Porém as mudanças não se resumem apenas a aspectos físicos, afetando também a própria estrutura administrativa dos periódicos, de modo que os pequenos empreendimentos particulares perderam espaço para empresas editoriais com parques gráficos próprios, como é o caso da *Careta*.

Criada por Jorge Schmidt, editor proprietário das revistas *Fon-Fon!* (RJ, 1907 - 1958) e *Kosmos* (RJ, 1904 - 1909), a *Careta* não surgiu apenas em decorrência das novas tecnologias disponíveis, mas também para suprir o vazio deixado na editora de Schmidt com o fim da *Kosmos*, um investimento alto por parte da empresa e que se mostrou custoso para grande parte da população geral². Publicada semanalmente, a *Careta* teve uma longa duração e grande popularidade, sua qualidade gráfica era um diferencial para a época, como muitas fotografias e ilustrações de artistas conhecidos entre a mídia impressa, como J. Carlos e K. Lixto. Porém o aspecto estético não foi o único responsável por seu sucesso, já que, sendo uma revista de variedades, a *Careta* trazia conteúdo das mais variadas temáticas, para o público masculino, feminino e infantil. Sua estratégia comercial, portanto, utilizava a

² NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista *Careta* (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. *Miscelânea*, Assis, v. 8, 2010, p. 68-69.

diagramação agradável, o amplo espaço para imagens e a amplitude temática para conquistar o maior público possível diante do minguado número de leitores³.

Falando sobre tudo e, principalmente, sobre todos, a revista se propunha a uma crítica de costumes, sempre utilizando o humor como recurso. Como informa no editorial de sua primeira edição, intitulado “Artigo de Fundo”, a *Careta* tem como público-alvo, o “grande e respeitável Público com P grande!”⁴, ou seja, as camadas médias e a elite carioca⁵, ainda que também tenha sido consumida por parte da população menos abastada. A revista usa o texto para afirmar seu tom sarcástico, marcado pela crítica de costumes, e a intenção de provocar, presentes já em seu primeiro volume.

Entre os diferentes assuntos abordados pela revista, os indígenas foram apresentados sob diferentes óticas na pena de seus colaboradores. No presente artigo busco analisar as representações de indígenas no ambiente urbano veiculadas na *Careta* entre os anos de 1908 e 1920, buscando identificar como a presença dos mesmos era vista por seus contemporâneos e refletir sobre o espaço legado aos mesmos na sociedade do período, relacionando com os ideais da modernidade. Para tal, utilizarei o conceito de representação de Roger Chartier, que define da seguinte maneira:

“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”⁶

Cabe ressaltar que a revista era composta por uma variedade de escritores e artistas, os quais nem sempre compartilhavam a mesma visão sobre os temas debatidos. No que diz respeito aos povos indígenas, em alguns momentos eram representados como símbolo nacionalista, como um passado vivo ou mesmo como selvagens. A *Careta*, portanto, veiculava discursos diversos e até mesmo opostos, conforme veremos a seguir.

O Rio de Janeiro

³ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 121.

⁴ *Careta*, 6 de junho de 1908.

⁵ CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e *Careta* (1908-1921). Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, 2008, p. 86.

⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Algés: Difel, 2002b, p. 17.

No início do século XX o Rio de Janeiro era revestido em ares de modernidade e vivia um clima de otimismo vibrante. Com um ritmo comercial constante e cosmopolitismo latente, dialogava com os centros econômicos e culturais do mundo, sempre muito influenciado pela Europa, em especial a França. Uma febre de consumo tomou a cidade, que cada vez mais buscava "novidade", a "última moda" e artigos *dernier bateau*, mas logo ficou nítido o anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante das demandas dos novos tempos⁷. Conseguir acompanhar as novidades do progresso tornou-se uma obsessão coletiva da nova burguesia e motivou uma série de mudanças que ficou conhecida como Regeneração e iniciou-se em 1904.

Nesse período a imprensa era uma mídia de grande importância para a comunicação e uma parte ativa da vida social, possuindo um papel fundamental na difusão de imaginários sociais e na popularização da cultura letrada⁸. Essa popularização não representou apenas o aumento do número absoluto de leitores ou do deslocamento de interesses e significados culturais da imprensa periódica; mas também a ocupação letrada de terrenos sociais, que, anteriormente, eram muito mais afeitos aos códigos da oralidade.⁹

Com sua nova estrutura e alcance, a imprensa não era apenas um instrumento de articulação e discussão das elites mas, também, veículo de formação cultural e moral do povo¹⁰, divulgando seus tão caros ideais de progresso e, conseqüentemente, civilização.

A Civilização

A ideia de civilização apresentada na Careta e aqui trabalhada se constitui em um cenário de busca desenfreada pelo progresso e alinhamento com os padrões e ritmos da economia europeia¹¹, se relacionando com o conceito de processo civilizatório desenvolvido por Norbert Elias. A civilização é, portanto, a expressão da autoimagem burguesa atrelada aos valores nacionais e o processo civilizatório uma consequência da suposta superioridade de seu próprio comportamento¹².

⁷ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e a criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 28-29.

⁸ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana 1890/1915. 2. ed. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p. 84.

⁹ CRUZ, 2013, p. 87.

¹⁰ CUNHA, 2013, p. 100.

¹¹ SEVCENKO, 1999, p. 29.

¹² ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, p. 64.

Um exemplo da visão de civilização agregada na revista é a matéria *Um habitante dos sertões*, texto e fotografia sobre o major Libanio Coloiosêrêcê, publicada na edição 102 de maio de 1910. O militar, cacique dos Parecis, é descrito como “um dos grandes auxiliares do coronel Rondon em sua comissão construtora de linhas telegráficas” e seus trajes são muito elogiados pela revista. Como vemos na fotografia abaixo, Libanio usa trajes formais completos, com paletó, gravata e colete bem ajustados ao corpo e traz o cabelo penteado para trás, destoando do que o texto chama de “moda do sertão”, ou seja, o vestuário tradicional indígena. Endossando ainda mais os elogios, é dito que nem mesmo Figueiredo Pimentel, colunista social bastante conhecido no período¹³, poderia criticar seu vestuário e, ainda, que sua elegância “virou a cabeça de muita gentil carioca”. É significativo também que seja esta uma fotografia de estúdio assinada por Musso & Cia. pois isso revela acesso à recursos que não estavam disponíveis à grande parte da população, já que as mesmas poderiam custar 4\$000 réis em 1900¹⁴. Além disso, diferencia-se das conhecidas fotografias de indígenas obtidas pela própria Comissão Rondon em suas expedições pelo interior do país.

¹³ Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi um jornalista que, entre 1907 e 1914, redigiu a coluna Binóculo na Gazeta de Notícias.

¹⁴ BELTRAMIM, Fabiana Marcelli S.. **Entre o estúdio e a rua**: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano. 2015. 457 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 90

Imagem 1 - Um habitante dos Sertões



Major Libanio Coloiosêrêcê, cacique dos Parecis, tribu que habita as selvas de Matto-Grosso.

O major Libanio foi um dos grandes auxiliares do coronel Rondon, em sua commissão constructora de linha telegraphicas.

Na photographia que publicamos o illustre chefe *pareci* não está absolutamente vestido á moda do sertão. O Figueiredo Pimentel nada mesmo teria a dizer de sua toilette. E' que o major Libanio vindo ao Rio accommodou-se immediatamente ao meio e, rapagão sacudido, deitou elegancia, achando-se tão desembaraçado nesses nossos trages que dizem virou a cabeça de muita gentil carioca.

O chefe *pareci* parte agora para Matto-Grosso, saudoso de sua taba e de sua familia.

Careta, 14 de maio de 1910, edição 102, p. 10.

Libanio Coloiosêrêcê é assim apresentado como um homem de acordo com os gostos e a moda da dita civilização e plenamente adaptado à sociedade carioca, pois “acomodou-se imediatamente ao meio”. A alta estima com que a revista trata a figura do major se expressa através da exaltação de seus feitos junto ao coronel Rondon, afastando-o da generalização usualmente observada quando os indígenas eram pauta na *Careta*. O cacique é, portanto, uma exceção e não a regra a respeito das representações encontradas entre 1908 e 1920. Com título, com méritos, fotografia de estúdio, terno e elogios, a matéria sobre Libanio revela o apreço pela assimilação dos indígenas à civilização que buscava-se construir no Brasil e encerra revelando que, apesar das mudanças, ele se mantém “saudoso de sua taba e sua família”, para onde pretende retornar.

Nem sempre, porém, a tentativa de adaptação e civilização dos indígenas é vista com bons olhos na revista, como nos demonstra as publicações referentes à apresentação de bororós na Exposição Nacional de 1908, realizada na capital. Inspirado nas Exposições

Internacionais realizadas desde 1851 e que serviam de termômetro das atividades manufatureiras, industriais e comerciais dos diversos países participantes¹⁵, o evento ocorrido no Rio de Janeiro foi a sétima exibição nacional e esteve aberto entre agosto e novembro de 1908¹⁶, ano do centenário da abertura dos portos e nos discursos oficiais foi apresentado como nascimento do país e sua inserção no mundo¹⁷. Na ocasião a tensão entre urbano e rural, presente e passado, inovação e costumes marcavam a essência do evento¹⁸. Alguns estandes traziam exposições da fauna e da flora de seus respectivos estados, e um deles apresentou a reprodução de uma aldeia indígena com bonecos representando homens e animais¹⁹. Além disso, um grupo de bororós fez uma apresentação musical que foi assunto na *Careta* em duas edições, a primeira em 10 de outubro de 1908 com apenas uma fotografia e descrição, a segunda, na edição seguinte, trazia um texto em tom de deboche, fragmentos que juntos ajudam-nos a compreender como os indígenas foram recebidos na ocasião.

A imagem na edição 19 mostra um grupo de 20 pessoas de diferentes idades em uma plataforma elevada na rua, uma espécie de palco, vestindo uniformes que parecem novos e carregando instrumentos de sopro e percussão. Trata-se de uma foto posada em que tanto os indígenas da banda musical quanto o público ao seu redor olham para a câmera, os primeiros com posturas mais rígidas e formais. A legenda é sucinta: “a banda de música dos índios Bororós”.

¹⁵ PEREIRA, M. A. C. S. . A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *Arqtexto* (UFRGS) , v. 16, p. 6-27, 2010, p. 8.

¹⁶ PEREIRA, 2010, p. 14, 17.

¹⁷ SILVA, Rogério Souza. **Modernidade em desalinho**: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936). 2014. 477 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 289.

¹⁸ SILVA, 2014, p. 290.

¹⁹ SILVA, 2014, p.290.

Imagem 2 - A banda de música dos índios Bororós



Careta, 10 de outubro de 1908, edição 19, página 21.

Interessante notar que os indígenas fotografados não estão desconectados das outras pessoas presentes na imagem no que diz respeito ao estilo do vestuário e à postura, pelo contrário, até se destacam pela rigidez quase militar e a qualidade das roupas. A única indicação de sua etnia está na descrição e, de maneira implícita, podemos notar a diferença de tom de pele entre os mesmos e o público, brancos em sua grande maioria, o que permite supor ser um contraste também observado pelos fotografados. Assimilados ao cenário ao seu redor, os indígenas são aqui representados como civilizados, ocupando uma posição de destaque na Exposição Nacional e ganhando meia página na *Careta*.

A edição seguinte, porém, muda o tom ao satirizar a presença dos mesmos através do seguinte texto:

“Finalmente os bororós chegaram.
Chegaram e tocaram.
Tocaram e beneficiaram.
Beneficiaram e foram-se embora para Mato Grosso outra vez, a contar aos patrícios dos senadores Murinho e Azeredo as maravilhas da Exposição; alguns entretanto não voltaram, que os matou o frio da terra paulista.
Mas aqui para nós, que diabo vieram fazer aqui os bororós?”²⁰

O texto demonstra que, assim como nas Exposições Nacionais, não havia espaço na modernidade para o passado representado pelos indígenas²¹. O tom jocoso com que tratam a morte de três bororós que contraíram bronco-pneumonia e vieram a óbito²² deixa claro a

²⁰ *Careta*, 17 de outubro de 1908, edição 20.

²¹ SILVA, 2014, p. 291.

²² *Jornal da Semana*, 1953, edição 18409, p. 62.

ausência de empatia e o descontentamento com a presença dos mesmos na capital, o que é reforçado pela questão final, “que diabo vieram fazer aqui os bororós?”. Apesar de instruídos e catequizados por padres salesianos e receberem aplausos gerais ao tocarem o Hino Nacional²³, os indígenas em questão são, nessa edição da *Careta*, figuras indesejadas. Diferentemente da fotografia, os bororós são aqui representados como catequizados: apesar de assimilarem características centrais da cultura vista como civilizada, como as vestimentas, a postura e a própria arte musical, ainda são encarados como não pertencentes à sociedade que buscava-se construir na capital, como se não fossem civilizados o suficiente. Cabe lembrar que os indivíduos estavam apenas de passagem pelo Rio de Janeiro e em breve deveriam retornar à sua terra de origem, mas esse fato não amenizou as visões desgostosas sobre sua presença.

As duas representações diferentes a respeito do mesmo grupo de pessoas demonstram o que foi dito anteriormente sobre a coexistência entre os modelos de representação identificados, bem como a fluidez dos julgamentos construídos na *Careta* a respeito da presença de indígenas no meio urbano e tentando se adaptar ao mesmo.

Entre os anos de 1908 e 1920 não encontrei outros relatos de indígenas que viviam na capital. No entanto, é importante mencionar os comentários da revista a respeito de Arthur Índio do Brasil e Silva, senador entre 1906 e 1924, e mestiço²⁴. Em pelo menos cinco edições foram publicados comentários satíricos a respeito da ascendência indígena do mesmo, por vezes fazendo parecer que ele fazia parte de uma cultura tradicional nativa. Na edição 145 de 1911, por exemplo, um pequeno texto na seção *Várias Notícias* dá a entender que o senador aprendera o português recentemente: “esteve ontem na cidade a senhora professora Daltro, precursora de catequese leiga. S. Ex. trazia em sua companhia o Sr. Índio do Brasil que já fala regularmente o português”²⁵. Apesar dos frequentes comentários provocativos o senador era considerado um mestiço e teve pouca ou nenhuma relação com povos mais tradicionais, desde cedo já iniciando sua vida na marinha²⁶. Todas as representações de Índio do Brasil encontradas foram construídas de acordo com o contraste entre selvageria e civilização e demonstram a existência de preconceitos raciais enfrentados por indígenas e seus descendentes no período.

²³ *Jornal da Semana*, 1953, edição 18409, p. 62.

²⁴ SETEMY, Adrianna. BRASIL, Índio do. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro da Primeira República**. Rio de Janeiro: Fgv, 2011. p. 3.

²⁵ *Careta*, 11 de março de 1911, edição 145.

²⁶ SETEMY, 2011, p. 1.

Selvageria e civilização

Os conceitos de civilização encontrados na *Careta* ecoam na própria ideia de selvageria, pois a segunda é construída em oposição à primeira e era frequentemente associada aos povos indígenas brasileiros, mesmo para os indivíduos que não seguiam mais sua cultura tradicional e buscavam abraçar a cultura carioca.

Assim sendo, o Rio de Janeiro aparece nas páginas da revista como o ambiente da civilização e da boa cultura, do *smart* e do *up-to-date*, de modo que as presenças e características que desviam desses ideais são vistas como hábitos de selvageria até nas pequenas situações. Um exemplo é um comentário publicado em 1915 sobre a possibilidade de uma greve dos bondistas, assinado por J. Falcão²⁷, em que o texto diz que os trabalhadores não têm razão.

Para se ver como este pessoal não tem razão, basta considerar que se houver suspensão do serviço de bondes, eu e todos os moradores de Botafogo e do resto da cidade que não temos veículos próprios, teremos que andar pela cidade mais civilizada do Brasil, como os índios do sr. Rondon pela floresta virgem - a pé.²⁸

Fazendo referência aos indígenas que auxiliaram o coronel Rondon na construção das linhas telegráficas, Falcão deixa claro que não acha andar a pé um hábito condizente com “a cidade mais civilizada do Brasil”. Apesar do claro exagero sarcástico do texto, observamos aqui que indígenas são representados como selvagens na medida em que são opostos ao costume civilizado de andar em bondes ou veículos.

A mesma ideia aparece em 1912 na edição 210 em que uma propaganda de página completa da máquina de escrever Oliver nº6 questiona o leitor: “será V. Seria um índio?”. Novamente vemos a oposição entre os ideais mencionados.

²⁷ Não foi possível localizar se J. Falcão se trata de um pseudônimo ou não.

²⁸ *Careta*, 30 de outubro de 1915, edição 384.

Imagem 3 - Propaganda da Oliver nº 6

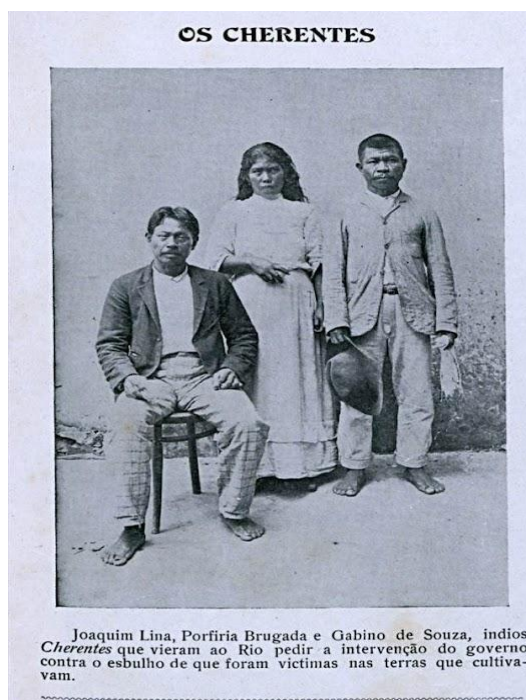


Careta, 8 de junho de 1902, edição 210, p. 18.

Há uma oposição clara entre o indígena e o homem moderno, entre o passado e o presente, o tradicional e o progresso. Aqui o indígena, que aparece enquanto ideia e não como indivíduo, é representado como selvagem não em função de quem é mas, sobretudo, de quem não é.

A presença efetiva de indígenas em meio urbano foi pauta em algumas edições da revista e, por vezes, a oposição entre eles e o ambiente que os cerca poderia aparecer de modo mais sutil, como na fotografia de três Xerentes publicada na edição 34 em janeiro de 1909.

Imagem 4 - Os Xerentes



Careta, 23 de janeiro de 1909, edição 34, p. 19.

Ocupando um quarto da página, Joaquim Lina, Porfíria Brugada e Gabino de Souza, utilizam roupas simples²⁹ e amarrotadas, respectivamente: um paletó aberto, um vestido claro com poucos babados e uma camisa de botões com um deles aberto. Não é possível ver os pés de Porfíria, devido à sombra, mas os dois homens estão descalços, colaborando para a ideia de serem pessoas simples, selvagens para os padrões do período – além de denotar um signo (muito recorrente na iconografia da época) ligado à herança da escravidão, em que o uso do sapato era fator de distinção do homem livre. Essa simplicidade é reforçada pela pobreza do vestuário e do cenário em que se encontram e contrastava com uma sociedade onde a etiqueta social importada da Europa era importante ao ponto de tentarem aprovar uma lei que tornava obrigatório o uso de paletó e sapatos para todos no Município Neutro³⁰. Apesar de sua inadequação ao que se esperava no ambiente urbano, a *Careta* aparece como defensora dos direitos indígenas, pois os representa como vítimas da usurpação de suas terras. Além disso,

²⁹ Roupas simples quando comparadas com as de outras fotografias e anúncios de vestuário da revista, bem como com a moda de inspiração europeia marcada pelos tecidos pesados, fraques, colarinho, gravatas e coletes para os homens, vestidos repletos de babados, com muito volume e espartilhos para as mulheres. NEEDELL, 1993, p. 196-202.

³⁰ SEVCENKO, 1999, p. 33.

ao dar espaço e voz às suas reivindicações, a revista chama o Estado a atuar na problemática da disputa por terras indígenas.

Apesar da legitimidade que a revista dá à pauta dos Xerentes, um texto assinado pelo pseudônimo de João Tapioca e publicado na edição 33 de 1909 trás outra representação para os mesmos indivíduos. “Porque os bugres estão se acabando. São já quase um mito, salvo os apinagés cabeludos da sra. Deolinda Daltro (sic) e os três cherentes que vieram pedir a protecção do governo contra o esbulho de que foram vítimas”.³¹

Aqui vemos uma representação dos indígenas de aspecto histórico, ou seja, o indígena relacionado ao passado seja ele como uma memória viva do mesmo ou uma peça proveniente de tempos antigos. Para Tapioca, os "bugres" já não fazem parte da realidade brasileira, salvo as exceções mencionadas. Os “apinagés cabeludos”, assim chamados porque Leolinda Daltro buscava preservar a identidade étnica dos mesmos, como os cabelos longos³², são vistos como propriedade dela e, portanto, objetificados e generalizados, ao mesmo tempo em que a professora é apresentada como “dona” de indígenas ao público leitor. É interessante notar que os casos levantados pelo autor dizem respeito apenas à área urbana, ignorando a conhecida presença dos mesmos no interior do país.

Leolinda de Figueiredo Daltro foi uma figura proeminente no final do século XIX e início do XX, sufragista, pedagoga e indigenista, sua atuação era amplamente reconhecida e comentada no Rio de Janeiro. Segundo Maria Emília Vieira de Abreu, a professora sabia aproveitar as oportunidades em que seu nome era citado na imprensa, ora criticada, ora elogiada, para chamar a atenção e conseguir apoio ao seu projeto de catequese laica³³. Suas propostas indigenistas eram similares às do SPI e a mesma teve esperança de ser nomeada diretora de índios devido aos elogios que Cândido Rondon teceu às suas iniciativas de catequização, porém essa expectativa não se concretizou e a mesma não recebeu nenhum cargo quando o então SPILTIN foi criado, nem mesmo foi convidada para a festa oficial de inauguração³⁴.

Rondon e Daltro aparecem na *Careta* como duas faces da mesma moeda, dois modelos de catequização laica dos indígenas e que se opõem à religiosa. Ambos buscam civilizá-los e promover a integração nacional, bem como o respeito às diferentes culturas indígenas e o não

³¹ *Careta*, 16 de janeiro de 1909, edição 33.

³² ABREU, Maria Emília Vieira de. **Professora Leolinda Daltro**: uma proposta de catequese laica para os indígenas do Brasil 1895-1911. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, p.59.

³³ ABREU, 2007, p. 28.

³⁴ ABREU, 2007, p. 39.

uso da violência para com tais povos. Porém, enquanto o militar é exaltado como herói nacional, a professora era vista como uma piada em diversos momentos.

É o caso da edição 182 de 1911 que traz um poema intitulado *Epitaphio de uma pedagoga*, assinado por Jean Grimace, pseudônimo de Edgar Barbosa de Barros³⁵, uma escolha de alcunha interessante por unir um nome francês que pode significar “careta”, mostrando não apenas o comprometimento do autor com a revista, mas também a valorização da cultura francesa.

O texto faz parte de uma série de epitáfios publicados em diversas edições da Careta, às vezes mais de uma vez, como é o caso desta que também conta com *Epitaphio de um diplomata*³⁶. Os textos foram publicados entre 1910 e 1915 e entre 1911 e 1914, todos assinados com o mesmo pseudônimo.

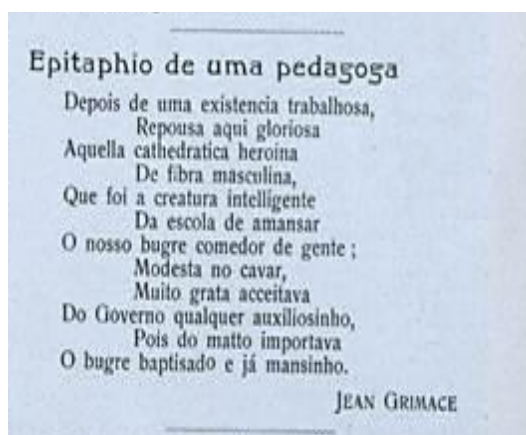
O *Epitaphio de uma pedagoga* conta sobre uma "catedrática heroína de fibra masculina" que se pôs a tarefa de amansar os indígenas, chamados de “nosso bugre comedor de gente” pelo autor, aceitava “qualquer auxiliiosinho” proveniente do governo e “importava o bugre batizado e já mansinho” das flores. Vemos aqui, certo julgamento em relação ao trabalho realizado pela mulher, pois ao dizer que o indígena já estaria batizado e manso, portanto “domesticado”, Jean Grimace encara a tarefa com desdém, fator ressaltado pelo excessivo uso de diminutivos. Vemos também a oposição entre “comedor de gente” e “batizado e já mansinho” que nos mostra duas representações recorrentes: de um lado a figura do indígena selvagem, canibal e violento, de outro, o catequizado e dócil. A poesia também faz jus à proposta da revista de fazer caretas³⁷, uma vez que a dita pedagoga pode facilmente ser identificada enquanto uma metáfora para Leolinda de Figueiredo Daltro, sem que haja necessidade de apontá-la explicitamente. Vale ressaltar que a crítica expressa por Grimace não diz respeito à possibilidade e/ou necessidade de se educar os indígenas, mas sobretudo à figura da professora e à educação laica, pois, ao associar "baptizado" e “mansinho” como atributos dos mesmos antes de vir para a cidade, o poema remete à presença de missionários que trabalhavam com a catequização nas aldeias indígenas.

³⁵ Edgar Barbosa de Barros foi médico, tradutor, escritor, teatrólogo e subdiretor dos telégrafos do Distrito Federal, desempenhando um papel importante na modernização do Rio de Janeiro, e também escreveu sob os pseudônimos de João Rialto e Alfio Castelo. AZEVEDO SOBRINHO NETO, 2017, p. 117..

³⁶ *Careta*, 25 de novembro de 1911, edição 182.

³⁷ *Careta*, 6 de junho de 1908, edição 1.

Imagem 5 - Epitaphio de uma pedagoga



Careta, 25 de novembro de 1911, edição 182, p. 27.

Conclusão

Conforme observamos nas fontes aqui analisadas, a presença dos indígenas no meio urbano era alvo de constante questionamento durante o início do século XX. Relacionando-os aos ideais de selvageria e civilização vigentes na sociedade carioca, a leitura da *Careta* nos revela uma busca por uma sociedade que não vê espaço para os povos indígenas. Ainda que figuras como Libanio Coloiosêrêcê sejam amplamente elogiadas, a vasta maioria dos indígenas é recebida com ressalvas, desagrado e estranhamento, embora sejam ressaltadas ações assimiladoras e figuras como a de Rondon. De modo geral, uma questão resume as representações de indígenas na capital, parafraseando a edição de outubro de 1908: que diabo vieram fazer aqui os índios?

As edições da *Careta* aqui analisadas foram publicadas há mais de um século mas ainda fazem ecoar em uma sociedade onde a identidade e os direitos indígenas são constantemente questionados, o que nos demonstra que, enquanto sociedade, ainda temos um longo caminho a trilhar.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO SOBRINHO NETO, Joachin de Melo. Modernismo, futurismo e polêmicas literárias na revista *Careta* (1909-1922). *Saeculum* (UFPB), João Pessoa, v. 37, p. 111-125, 2017.

BELTRAMIM, Fabiana Marcelli S.. **Entre o estúdio e a rua**: a trajetória de Vincenzo Pastore, fotógrafo do cotidiano. 2015. 457 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Algés: Difel, 2002b, p. 17.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana 1890/1915. 2. ed. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013, p. 84.

CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921). Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, 2008.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

NEDELL, Jeffrey D.. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**, Assis, v. 8, 2010.

SETEMY, Adrianna. BRASIL, Índio do. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro da Primeira República**. Rio de Janeiro: Fgv, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e a criação cultural na primeira república. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Rogério Souza. **Modernidade em desalinho**: costumes, cotidiano e linguagens na obra humorística de Raul Pederneiras (1898-1936). 2014. 477 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

Data de submissão: 01/09/2022

Data de aprovação: 16/11/2022